

## **Ser brasileiro na Polónia. Integração e identidade durante migração**

### **To be Brazilian in Poland. Integration and identity during migration**

Dominika Gawenda

Universidade Jaguelônica

dominika.anna.szynkiewicz@gmail.com

#### **Abstract**

This article attempts to look at migration from an anthropological perspective, especially at the issues of integration and the changes seen in the identity of migrants. Motivation and readiness for change, along with the existing stereotypes and personal experiences of a migrant, constitute successful adaptation in a new place of residence. One of the most important elements of integration in a new society is the knowledge of this group's language, it facilitates entering the community and is very important in terms of the reproduction of one's identity in the new place of residence. The recreation of one's identity is necessary, because a migrant is placed in a completely new reality in which his / her previous social role and status are different. The creation of identity happens in between the two concepts of familiarity and foreignness. The description of the above-mentioned topics was based on the partially structured interviews with Brazilians living in Poznań for at least 2 years. The bibliographies included form the basis of the anthropological analysis of migration.

**Keywords:** migration, identity, integration, Brazilians

A migração faz com que as culturas viajem e se encontrem com outras. Este tipo de reuniões deixa grandes marcas nos migrantes e nas sociedades de acolhimento, leva-nos a pensar sobre mudanças que ocorrem nos participantes de migração. Neste artigo foquei-me na integração dos brasileiros na sociedade polaca, nomeadamente, em Poznań. O outro aspeto importante para mim foi a identidade dos migrantes, ou seja, as mudanças que ocorrem na maneira de pensar deles baseadas na migração.

Os dados foram recolhidos durante uma pesquisa antropológica que abrange entrevistas com oito brasileiros que moram na Polónia há um mínimo dois anos. As histórias de cada pessoa mostram a relação entre a situação de partida, a motivação, os companheiros da viagem e a realidade encontrada no lugar de destino. As entrevistas focam-se nas transformações que ocorreram por causa da migração, antes, durante e após da viagem.

## INTEGRAÇÃO

Ao pensar na integração vêm à cabeça conceitos como diferença, ligação, igualdade, cooperação, simbiose, tolerância, intercâmbio, ação, reciprocidade, aceitação, mudança, abertura, adaptação (de dois lados). Para mim, dessa lista, o mais importante é a ação e estou a pensar, não só em ações tomadas por instituições, mas também pelos próprios migrantes e em entorno deles. A integração nunca é um processo unilateral, participam nela imigrantes e sociedade acolhedora (Zamojski, 1995, p. 28). Por isso, estudar a situação da saída e da chegada de migrantes é imprescindível para compreender o processo da integração.

A motivação dos migrantes tem grande correlação com a integração – na maioria dos casos as pessoas que viajam voluntariamente aclimatam-se com mais facilidade, e as que são forçadas a sair do seu país têm maior dificuldade com a instalação. A distinção entre migração forçada e voluntária importa no contexto de análise da probabilidade de reconstrução da vida social no lugar novo. Esta diferença (migração forçada contra não-forçada) define a atitude psíquica e habilidade de começar tudo de novo, os migrantes voluntários estão prontos para criar a sua vida de novo mesmo não se sentindo livre no país de chegada e ainda tendo laços fortes com o país de saída. Do outro lado, temos migrantes forçados que se caracterizam por passividade e indiferença, o que faz com que seja difícil ou impossível criar a nova identidade e integrar-se com a sociedade de acolhimento. Essas pessoas não estão prontas para mudanças e pensam, muitas vezes paradoxalmente, que esta viagem é temporária (Mach, 1998, p. 19). No entanto, há opiniões que todas as migrações são, até algum ponto, forçadas. Nomeadamente, a existência de migrações significa que tinha ocorrido algum tipo de privação que forçou a decisão de abandono do seu país. As pessoas escolhem a viagem porque algumas necessidades não são supridas num lugar num tempo certo. É claro que o nível da satisfação é subjetivo e é resultado da comparação das oportunidades existentes nos vários ambientes (Mach, 1998, p. 17). Diz-se também que os humanos, habitualmente, não migram dum lugar bem conhecido, próximo e confortável para um lugar novo, desconhecido, alheio, sem estarem sob coerção (Niedźwiecki, 2010, p. 23). Por isso é tão importante analisar a situação e atitude dos migrantes antes de começarem o seu caminho.

Todos os brasileiros que participaram na pesquisa declararam que a saída deles do Brasil foi voluntária. Saíram à procura de um “amanhã melhor”, não foram forçados pela situação económica negativa, nem pelo desastre natural. José foi para a Polónia para estudar música, já no Brasil tocava em uma orquestra, ganhava bem, mas tinha só 22 anos e junto com o seu professor polaco tomaram a decisão de que seria melhor para ele desenvolver-se nesta área no estrangeiro. Parece uma situação clara em que o migrante viaja voluntariamente para melhorar a sua educação, isto não foi imprescindível para ele poder trabalhar, mas somente ficou a saber sobre a possibilidade de desenvolvimento e seguiu este caminho. Todavia, ao continuar esta conversa, José revelou que há 30 anos que no Brasil não havia orquestras boas, com alto nível de profissionalidade. José disse:

É preciso compreender que o Brasil não é um país onde se pode estudar coisas como cultura, música, teatro, filme, para trabalhar nesta área tem que estudar no estrangeiro, na Europa ou nos Estados Unidos e só depois disto pode se voltar para o Brasil e trabalhar. Quem não estudou fora, não tem chance para trabalhar no Brasil. Hoje, depois de 25 anos, as orquestras no Rio de Janeiro ou em São Paulo já representam um nível bom, profissional, mas há 25 anos não era tão bem. O Brasil, em termos da música clássica, nem pode oferecer um décimo disto o que tem a Polónia<sup>1</sup>.

Pode-se dizer que neste caso o José foi forçado a emigrar pelo seu sonho profissional. Querendo obter o sucesso como maestro teve que sair do Brasil. Na sua pátria não houve possibilidades nem para estudar nem para trabalhar na área com que sonhava desde oito anos da idade. F. Znaniecki disse que a situação económica normalmente não é a razão para migrar, só no momento em que a pessoa percebe o peso da sua situação, começa a desejar o estado melhor e chega a saber como se pode atingir este cenário. O motivo aparece junto com as novas necessidades (Kawaczyńska-Butrym, 2009, p. 59).

A decisão da Katuska foi mais complexa e ligada ao amor. Ela estava a participar no programa *Work and Travel* nos Estados Unidos quando conheceu o seu futuro marido, um polaco, com a cidadania americana, que estava a estudar lá. Katuska, pelo contrário, não tinha a cidadania, e por isso, quando se apaixonaram, tinham três opções: viver juntos no Brasil, morar juntos na Polónia ou tentar arranjar visto para a mulher. A última escolha não era muito segura e depois de muito tempo a tentar obtê-lo podia acabar em fracasso. Podiam mudar para o Brasil, mas o marido não falava português e ainda não tinha acabado a universidade. Mudando para a Polónia, era a Katuska que não falava polaco, mas, pelo menos, tinha acabado os estudos. Por isso, juntos tomaram a decisão que iam migrar para a Polónia. Na

---

<sup>1</sup> Entrevista feita com um dos brasileiros que morou em Poznań durante o tempo da pesquisa. Todas as entrevistas citadas neste artigo foram feitas pelo autor do texto com os brasileiros, as entrevistas são descritas com nomes de interlocutores.

Europa a mulher planeou procurar emprego em que se falasse inglês e ia estudar polaco enquanto o marido ia acabar os estudos. Esta decisão parece ser feita voluntariamente, seguindo “o coração” e racionalismo. Todavia, não é difícil reparar a coerção burocrática, ou seja, institucional – para poderem ficar nos Estados Unidos é preciso obter o visto, se não são obrigados a sair do país.

A outra interlocutora também foi para a Polónia por causa do marido. Conheceram-se em Inglaterra onde os dois estavam a participar no programa *Work Experience*, trabalhavam e aprendiam a língua inglesa. Londres foi um território neutro para eles, lá se conheceram e casaram, mas nunca chegaram a se sentir integrados. Por isso queriam mudar para o lugar de origem dum deles, onde há família, amigos, alguém que ajude. Só que a Jalili vem duma cidade pequena, Juiz de Fora, de que diz:

É uma cidade pequena, não tem nada lá. Poznań, de onde vem o meu marido, pareceu mais acessível para estrangeiros. No Brasil iríamos morar no Rio de Janeiro ou em São Paulo onde também não temos família, então, seria mais fácil mudar para a Polónia. Queria viver no Brasil, mas por ele fiquei na Europa. Gosto da Polónia, mas prefiro o Brasil. Se ele disser – vamos para o Brasil, ia com grande vontade.

Como nos exemplos previamente mencionados, aqui também podemos observar o caso da migração voluntária / forçada. Parece uma decisão tomada independentemente e com vontade própria, mas os elementos exteriores, emocionais e económicos tiveram grande influência neste processo de escolha do seu lugar de morada. É difícil, do modo inequívoco, definir o tipo da migração, seria mais verdadeiro chamar todas encontradas durante esta pesquisa voluntária/forçada, com adjetivos nesta ordem, porque no final o balanço da viagem é positivo.

As histórias mostradas acima confirmam as palavras dos antropólogos da Universidade de Adam Mickiewicz em Poznań que, ao analisar migrações, sublinham complexidade e inconstância, a saber, hibridismo das motivações que levam pessoas a migrar. As biografias dos migrantes mostram que categorias utilizadas no campo da antropologia não conseguem apresentar complexidade e pluridimensionalidade das histórias de migrações humanas. O que pode ser surpreendente é que o acaso desempenha um papel muito importante nessas narrativas. As migrações nem sempre são lógicas como habitualmente pensamos e assim tentamos analisar, muitas vezes, as migrações, simplesmente, acontecem (Bloch, Buchowski, Chwieduk, Schmidt, 2012, p. 218). As categorias como amor, sonho, “porque não” são muitas vezes omitidas ou esquecidas na análise económica ou sociológica, mas na prática, impulsionam as pessoas a mudar sua vida.

As diferenças culturais podem ser um obstáculo impossível de a remover do caminho para integração. Quanto mais dissemelhanças existirem entre a cultura dos imigrantes e a da sociedade acolhedora, mais barreiras há para aproximação (Kawaczyńska-Butrym, 2009, p. 81). De início, parece que a Polónia e o Brasil são dois países muito distantes e não têm muitos pontos comuns, mas os meus interlocutores

falaram mais sobre semelhanças do que diferenças. “Os outros” existem somente quando são considerados como outros (Niedźwiecki, 2010, p. 95). Neste pensamento são os próprios migrantes que decidem quem é e quem não é próximo.

Apesar de se encontrarem, a Polónia e o Brasil, nos dois continentes diferentes, há pontos comuns na cultura de ambos. Depois de 1500, quando os portugueses descobriram a terra do Brasil atual, o Brasil fazia parte do mundo cultural europeu. Os reis portugueses reinaram lá até ao ano 1822, também levaram para a América do Sul os monges católicos que desempenharam papel importante na educação e construção da mentalidade das pessoas no novo mundo. Geralmente falando, os brasileiros e os polacos são considerados como lutadores, ou seja, as nacionalidades que tiveram que defender a sua independência (Kolbowska, 2010, p. 43). Por outro lado, esses dois países nunca lutaram contra si, o que frequentemente provoca relações negativas entre os habitantes (Demska, Kamińska, 2001, p. 20). Não é preciso falar muito da globalização e do efeito da similaridade e proximidade que provoca. Todavia, vale a pena focar-se um pouco na tecnologia moderna, ou seja, na Internet, e nas possibilidades que ela oferece. Telefonar para o outro continente e ver a sua família que mora muito longe não é a única vantagem que a Internet tem. A Internet deixa os migrantes continuar os seus hábitos, ver o seu programa preferido na sua língua, ler livros, ouvir rádio e muitas outras atividades praticadas frequentemente no país de saída. Esta continuidade faz com que a adaptação ao ambiente novo seja mais fácil e menos estressante (Metykova, 2010, p. 23). Z. Mach diz que durante a interrupção que aconteceu na vida dos migrantes, isto é, durante a mudança, eles querem salvar a sua identidade negando este facto e, por isso, tentam continuar a praticar as suas tradições. A continuidade oferece sensação de segurança (Mach, 1998, p. 25). A existência das sociedades virtuais (como por exemplo grupo *Brasileiros na Polónia* no *facebook*), a possibilidade de contato com a sua família e amigos todos os dias oferece segurança e satisfaz a necessidade de proximidade, o que faz com que o imigrante não seja obrigado a integrar-se com habitantes do país acolhedor. Nesta situação, conhecer pessoas novas é um processo natural e espontâneo, liberado do stress.

O processo da integração depende também das experiências vividas por migrantes antes de viajar. A maioria dos brasileiros com que falei passou por migração gradual, isto é, antes de chegar à Polónia, tinham estado em outros países como Estados Unidos da América, Espanha, Inglaterra ou Holanda. A adaptação à realidade nova é mais fácil, quanto mais competências culturais tiver. A competência cultural define-se como o capital pessoal, material e cultural (Niedźwiecki, 2010, pp. 78-79). Nestes casos, a competência cultural é o conhecimento da língua, as conexões, os recursos financeiros, a sabedoria, a experiência e a autoconfiança.

Muitos fatores podem influenciar o processo de integração, como por exemplo a situação económica, política, demográfica de local de saída e de chegada, grupos étnicos no país acolhedor, as culturas de emigração e de imigração, o tipo da

abordagem de raça ou etnias em dois países, as relações entre sexos, as religiões existentes, o sistema jurídico, etc. Há muitos mais e esta pluralidade e diversidade faz com que todas as histórias sejam únicas (Niedźwiecki, 2010, pp. 183-184). O que ainda multiplica as variações de guiões de migrações é também a atitude do migrante e prontidão para modificações de esquemas de pensar e agir. Os estereótipos, sendo positivos, podem ajudar na integração. Quando temos um pensamento otimístico e opinião boa sobre uns estrangeiros, eles parecem mais atraentes, queremos conhecê-los e também mostrar-nos nós próprios do lado positivo. Os imigrantes ao serem bem recebidos, ficam mais dispostos para criar relações com as pessoas do país novo. E assim fecha-se o círculo. Deste modo o estereótipo positivo fica confirmado e estabelecido (Kownacka, Tempska, 2001, pp. 93-95). Alguns dos interlocutores afirmaram que os polacos têm boa opinião sobre os brasileiros, embora não tenham conhecido nenhum. Mostram interesse e vontade em contato com eles. Jalili disse: “Os poloneses têm uma visão muito romântica do Brasil, acham-no muito bonito”. Apesar de os polacos serem conhecidos como fechados e frios em relações com estrangeiros, “mas esta postura sempre mudava quando tinham reparado que sou brasileiro”, disse José. Continuo: “O Brasil, na imaginação dos poloneses, é diferente dos outros países”. E como já foi mencionado previamente, boa reação aos brasileiros faz com que possam ser construídas relações interculturais positivas.

F. Znaniecki interessou-se pela relação entre “próximo” e “alheio” e segundo ele a percepção do outro não se baseia nas opiniões objetivas, mas na compreensão subjetiva de diferenças. O alheio é aquele que é visto por um indivíduo ou por um grupo como distinto. A classificação de alguém como alheio significa que esta pessoa é percebida como inimigo, isto é, liga-se a opiniões negativas deste indivíduo. A opinião sobre os novos vizinhos pode mudar e depende da experiência (Grzymała-Kozłowska, 2007, p. 11). Por outro lado, pode-se dizer que se o imigrante tiver recordações boas, tratará as pessoas de país acolhedor como “próximos” e será mais fácil entrar em contato com eles, o que pode levar à integração entre imigrantes e sociedade nova. A Jalili disse que ainda em Inglaterra conheceu muitos polacos e “eles diziam coisas muito más sobre os poloneses, mas quando cheguei aqui, vi que não é assim, tem muitas coisas para fazer aqui, a Polónia é mais cosmopolita do que me disseram”. Neste caso, a Jalili podia construir um estereótipo negativo sobre os polacos e mudar-se para o país novo já com preconceitos, mas as experiências pequenas que teve antes de se deslocar, especialmente com o seu marido, deixaram-na com a sensação positiva e otimista.

Na literatura sobre migrações toca-se muitas vezes na problemática da língua, e também todos os interlocutores nesta pesquisa mencionaram este problema. A língua estrangeira é o primeiro contato com “alheio”, de início parece só uma mistura de sons sem sentido, mas com tempo passa a ser uma forma de comunicação com mundo (Kownacka, Tempska, 2001, p. 78). No entanto, este caminho é longo

e problemático, os brasileiros chamaram esta etapa a *barreira*. O problema com a língua é uma das barreiras psicossociais mais comuns de todas previamente descritas como estereotipização negativa, etnocentrismo ou barreira mental. A habilidade de comunicação ajuda aclimatizar-se mais rápido, frequentemente é uma exigência para encontrar emprego e faz com que os imigrantes não se sintam alienados (Demska, Kamińska, 2001, p. 28). O José repara que

(...) os brasileiros têm problemas com a adaptação nos outros países porque não têm talento para aprender línguas estrangeiras. Os brasileiros não conhecem bem a sua própria língua e por isso têm problemas com outras. Mas os brasileiros são criativos, ou seja, a comunicação é mais importante do que a língua no Brasil. Os brasileiros comunicam-se usando dedos, mãos, cabeça, corpo, inventam palavras, tudo isto para o outro entender.

Todavia, o meu outro interlocutor, o Francisco, acha que “num dia se chega ao ponto em que tem que aprender, que já não há outra opção”. Ele estudou na Universidade Técnica de Poznań onde teve aulas só em polaco, gravava todas as aulas e em casa escrevia tudo o que gravou, assim aprendeu o polaco. O Francisco adiciona que é importante querer: “A minha mulher diz que não tem muito jeito para línguas. Eu lhe digo: o problema não é a falta de talento, só que não quer aprender”. Fernando Pessoa disse: “A minha pátria é a língua portuguesa” (Pessoa, 1982/2008, p. 326) e podemos associar estas palavras com todas as línguas e todas as pátrias, porque a língua em que falamos mostra a pertença à cultura e à sociedade que utiliza tal língua.

## IDENTIDADE

Hoje em dia, a identidade já é interpretada como um conceito instável e dependente do contexto, que muda influenciada pelas experiências, interações sociais e com o passar do tempo. Antes disto, pensou-se que todos nascemos com uma identidade já fixa e invariável ligada a um lugar de origem. Mas observações de vários aspetos, como por exemplo migração, mostraram que não é assim e a identidade pode ser alterada. Atualmente, acha-se que a identidade é mais um processo do que um estado, tal como a realidade que a influencia. É a realidade que exige da identidade a reconstrução permanente (Niedźwiecki, 2010, p. 66, 135). No texto de Kuszta podemos ler as teorias de J. Derrida que assume que a identidade nunca é oferecida, recebida ou alcançada, é sempre um processo sem fim da criação (Kuszta, 2009, p. 276). A migração, com todos os seus encontros com coisas novas e a procura do seu lugar na sociedade nova, é um momento muito intensivo neste processo.

O conceito da identidade introduz a oposição “próximo-alheio”, e tal mostra precisamente a situação dos imigrantes. Ao construir a sua identidade, o indivíduo

sempre se refere a duas dimensões: a o que lhe une com os outros e a o que lhe diferencia. Pode-se dizer que a identidade é criada pela procura de semelhanças e diferenças em comparação aos outros (Jakimowicz-Ostrowska, 2009, p. 205). “O próximo” significa tudo o que está ligado ao país de origem, o que é conhecido, claro, agradável. “O alheio” são as coisas do país novo, confusas, difíceis. O imigrante de hoje funciona nesta realidade binária – há vários compatriotas à sua volta, todos os dias telefona aos seus familiares que estão na sua pátria, pratica os seus hábitos trazidos de casa, mas ao mesmo tempo funciona na realidade nova e incompreensível. É provável que a fronteira entre estes dois mundos (“próximo-alheio”) possa mudar, ou, até o novo pode passar a ser mais “próximo”, dependendo do trabalho e vontade dos imigrantes.

Quando o tempo em que o imigrante se sente alheio prolonga-se, e não consegue formular mensagens compreensíveis, pode haver uma queda da identidade e/ou uma aversão aos novos vizinhos (Niedźwiecki, 2010, p. 189). Foi o caso de um brasileiro jovem, Adilson, que não conseguiu aprender a língua nem os códigos culturais polacos, o que fez com que não encontre tópicos comuns com a família da sua mulher nem com os amigos dela, nem seja capaz de fazer as próprias amizades. À pergunta: *viver na Polónia e no Brasil é diferente?* respondeu que *sim, totalmente*. Ele teve muitas experiências negativas na Polónia (é único interlocutor mulato, também como único queixou-se de que os polacos são racistas), e também o prolongamento da incompreensibilidade ainda aprofundou esse estado de resignação. Antes de virem para a Polónia, ele e a mulher dele moraram no Brasil durante dois anos e por isso o Adilson viu o acolhimento dela, viu como se trata imigrantes no Brasil e acha muito melhor do que o que acontece na Polónia: “Lá, no Brasil todos conheciam a minha mulher, todos queriam falar com ela, mesmo que ela não tivesse conhecido português. Na minha família todos queriam saber dela e da Polónia”. Como contraste, conta que “aqui (na Polónia) quando há algum problema, por exemplo na loja, quando veem que falo inglês, não me querem ajudar”. Lembrando da situação pela qual passou a mulher dele, ele esperava o mesmo interesse e quando não o recebeu, sentiu-se dececionado.

Existe também alheamento domesticado, a saber, são elementos da cultura nova os quais o migrante não aceitou, ao contrário, irritam-no. No entanto, já não dão medo nem fazem com que o migrante se rebelde porque são parte da realidade em que funciona todos os dias (Kownacka, Tempska, 2001, pp. 216-228). Um dos exemplos dados pelos meus interlocutores foi a “briga de olhar”, ou seja, a maneira em que os homens polacos se olham um para outro, que, para o brasileiro, pareceu desafio para o duelo. O Pedro já se habituou com este costume, mas o amigo dele, que veio visitá-lo, ficou nervoso pensando que é uma marca de racismo. Neste caso foi o mesmo brasileiro que explicou o comportamento para o outro estrangeiro.

O conhecimento ou o desconhecimento da língua do país acolhedor tem grande influência na integração, mas também na construção de identidade e na percepção do

entorno. Há muitos elementos que decidem sobre a nossa integração ou a separação com a nova sociedade, entre todos eles distingue-se a importância da língua. Ao utilizá-la podemos observar que a língua revela as nossas experiências, as normas que seguimos ou o nosso estatuto social (Jakimowicz-Ostrowska, 2009, pp. 230-231). É possível observar este tipo de relação nas conversas com os interlocutores. Estes que dominam a língua e utilizam-na em casa, na rua ou no trabalho, podiam aprender os hábitos polacos. A comunicação com os polacos exige e estimula a absorção de características deles, quando mais frequente isto aconteça, o imigrante tem que se reconstruir a si próprio perante as novas experiências também com mais frequência. Através da língua conhecemos o mundo e comunicamo-nos com o entorno. A identidade não funciona fora dos atos simbólicos, um deles é ato de fala. A fala transmite a identidade cuja forma depende da sociedade, das relações entre o indivíduo e a comunidade. Como já foi previamente mencionado e sublinhado, o conhecimento da língua do país acolhedor é uma condição para poder entrar no novo grupo e ao mesmo tempo reinterpretar si próprio. Por isso podemos observar diferentes atitudes entre os brasileiros de Poznań. Os brasileiros que falam polaco muito frequentemente e com grande intensidade encontram-se com novidades e têm que se esforçar para compreender estas situações. Durante o processo de aprendizagem da língua aprendem também a cultura. Esta conexão é conhecida pelos brasileiros que ainda não falam polaco: “Preciso aprender polaco para poder sentir-me em casa aqui”, disse Jalili. Eles, apesar de terem dificuldades com a comunicação, sabem que falar polaco ajudaria muito na situação deles, no trabalho, nas obrigações de dia a dia, mas também nas relações com a nova família e amigos.

Enquanto que alguns brasileiros ainda não falam polaco, outros já têm (às vezes) dificuldades de se pronunciar na sua língua materna, acontece que se esquecem das palavras em português. Isto pode ser um símbolo de mudanças que estão a ocorrer no pensamento deles. Nas cabeças deles aparecem umas formas novas, sincréticas que ligam palavras de várias línguas (Zamojski, 1995, pp. 29-30). É a prova de que começaram a pensar de outra maneira, a língua do país acolhedor já faz parte do dia a dia deles e passa a ser “próxima” e não “alheia”, palavra a palavra, a nova cultura entra neles e provoca mudanças de identidade.

No estrangeiro, os emigrantes têm que reconstruir sua identidade, reedificar o que já tiveram no passado na sua casa. Todavia, depois das novas experiências ligadas a mudança de morada, o conhecimento das novas pessoas e todo o processo de aprendizagem, a identidade não pode ser a mesma. Tem que se lembrar de que a identidade não é só construída por dentro do possuidor, mas também pelo ambiente que o rodeia. No estrangeiro, nos casos dos meus interlocutores, a posição social também se torna diferente, ficam desempregados ou ao contrário encontram trabalho, casam-se e passam a ser esposo / esposa, começam a ser pais, mas o que importa mais – já não são cidadãos, são imigrantes (Mach, 1998, p. 25). A migração significa a transferência no espaço e a mudança para outro grupo e, ao mesmo

tempo, reconstrução da rede interativa. Em consequência, o migrante muda a sua posição, o estatuto e papéis desempenhados na sociedade. A profundidade e alcance destas mudanças podem variar entre migrantes, mas são inevitáveis. As mudanças aparecem inclusivamente nos casos em que o migrante continua a desempenhar o mesmo papel social no novo país, isto é, porque sempre há dissimilaridades entre sociedades de origem e de chegada (Niedźwiecki, 2010, p. 22). Em ambos os países vários estatutos ou práticas têm valor e prestígios diferentes. A situação do José pode servir como exemplo – a profissão dele não teve muito respeito no Brasil, teve que sair do seu país para poder desenvolver-se na área da música.

Eu acho que alguma coisa, tipo música clássica no país como o Brasil não tem boa fama. Na Polónia isto compreende-se mais, mesmo que nem todos saibam quanto trabalho é preciso para ter o sucesso nessas profissões. Mas, no Brasil, a música para 99% de pessoas é só um passatempo, toca-se para animar o churrasco. E por isso foi difícil para mim funcionar naquele lugar, onde, a coisa pela qual me esforcei por vida inteira, não tem muito valor.

Todos os interlocutores nesta pesquisa, mudando para a Polónia, trocaram o seu estado civil ou tornaram-se pais. É preciso lembrar que a situação profissional, as tarefas de mulher e homem ou as responsabilidades de mãe e pai desempenham papéis diferentes em ambos os países, além disso, todos passaram a ser “alheios”, pelo menos no início.

A identidade é processual e esta característica diz respeito também ao conceito “próximo-alheio”. Ao mesmo tempo acontece alheamento e domesticação. O migrante, ao estar no novo grupo (e domesticando-o), diminui seu contato com país de origem. Já não participa todos os dias no que lá se passa e, sem querer, sofre alienação (Niedźwiecki, 2010, p. 211). Este processo não depende dos migrantes, acontece porque o agente está fora por muito tempo e como tal não o pode controlar. O imigrante, saindo do seu país, pára de lá funcionar. Mas, ao mesmo tempo, começa a fazer parte da realidade nova, domestica-a. Simultaneamente, no lugar de origem ocorrem as suas mudanças, mas o migrante já não participa nelas. O velho, conhecido deixa de ser próximo e nunca mais vai ser o mesmo lugar de onde saíram.

## CONCLUSÃO

As entrevistas feitas com os brasileiros e a recolha das biografias deles mostra as variações da migração. A situação no país novo depende, entre muitos, do passado, das experiências e da motivação do migrante. As pessoas preparadas, já com base de informação, instrução ou/e experiência de migração, integram-se melhor. Na melhor integração ajuda a motivação positiva, ou seja, migração não forçada. De facto, a maioria das migrações pode ser chamada “voluntária / forçada” porque as pessoas

normalmente deixam seu lar a procura de algo que não é satisfeito no país de origem. Muito depende também do conhecimento da língua do país acolhedor que deixa o indivíduo participar na realidade nova, o que faz com que aconteçam mudanças mais rápidas na sua identidade. A acumulação de experiências e as conquistas dos obstáculos no ambiente novo forçam o migrante à reconstrução permanente da sua identidade.

## BIBLIOGRAFIA

- Buchowski, M., Schmidt, J. (Eds.) (2012). *Migracje a heterogeniczność kulturowa. Na podstawie badań antropologicznych w Poznaniu*. Poznań: Wydawnictwo Nauka i Innowacje.
- Demśka, U., Kamińska, S. (2001). Wpływ wizji historycznej, religii i języka na akulturację; trzy przykłady – Vida, Violetta, Maria. In H. Malewska-Peyre, *Swojskość i obcość. O akulturacji imigrantów w Polsce* (pp. 68-84). Warszawa: Instytut Psychologii PAN.
- Grzymała-Kazłowska, A. (2007). *Konstruowanie „innego”. Wizerunek imigrantów w Polsce*. Warszawa: Wydawnictwo Uniwersytetu Warszawskiego.
- Jakimowicz-Ostrowska, I. (2009). Czy język jest elementem kształtującym współczesną europejską tożsamość? In G. Piwnicki, S. Mrozowska (Eds.), *Jednostka – społeczeństwo – państwo wobec megatrendów współczesnego świata* (pp. 162-187). Gdańsk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdańskiego.
- Kawaczyńska-Butrym, Z. (2009). *Migracje. Wybrane zagadnienia*. Lublin: Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej.
- Kolbowska, K. (2010). *Capoeira w Polsce. Wędrowanie wątków kulturowych*. Warszawa: Wydawnictwo TRIO.
- Kownacka, E., Tempśka, A. (2001). Poczucie swojskości i obcości w procesie akulturacji. In H. Malewska-Peyre (Ed.), *Swojskość i obcość: o akulturacji imigrantów w Polsce* (pp. 114-143). Warszawa: Instytut Psychologii PAN.
- Kusztal, A. (2009). Zagadnienie tożsamości europejskiej w świetle manifestu Jurgena Habermasa i Jacques'a Derridy z 2003 r. In G. Piwnicki, S. Mrozowska (Eds.), *Jednostka – społeczeństwo – państwo wobec megatrendów współczesnego świata* (pp. 113-146). Gdańsk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdańskiego.
- Mach, Z. (1998). *Niechciane miasta. Migracja i tożsamość społeczna*. Kraków: Universitas.
- Metykova, M. (2010). *Only a mouse click away from home: transnational practices of eastern European migrants in the United Kingdom*. Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/232830917\\_Only\\_a\\_mouse\\_click\\_away\\_from\\_home\\_transnational\\_practices\\_of\\_Eastern\\_European\\_migrants\\_in\\_the\\_United\\_Kingdom](https://www.researchgate.net/publication/232830917_Only_a_mouse_click_away_from_home_transnational_practices_of_Eastern_European_migrants_in_the_United_Kingdom).
- Niedźwiecki, D. (2010). *Migracje i tożsamość. Od teorii do analizy przypadku*. Kraków: Nomos.
- Pessoa, F. (1982/2008). *Livro do Desassossego*. Lizbona: Relógio d'Água.
- Zamojski, J. (1995). Migracje masowe – czynnik przemian społeczeństw współczesnych. In J. Zamojski (Ed.), *Migracje i społeczeństwo* (pp. 56-78). Warszawa: Wydawnictwo Neriton.
- Znaniecki, F. (1990). *Współczesne narody*. Warszawa: PWN.